

Comentários e reacções: [opinio@diariocoimbrapt](mailto:opinio@diariocoimbrapt)

## Opinião

# A COVID-19 E O ZIGUEZAGUE POLÍTICO

O fim do ano de 2021 aproxima-se e, com ele, a necessidade de se avaliar aquilo que foi feito e o que ficou por fazer. Essa análise ficará para momento ulterior, acrescida ao facto de nos encontrarmos em período pré-eleitoral.

Na verdade, 2021 foi, tal como o seu antecessor, um ano diferente de todos os demais que conhecemos.

A COVID-19 trouxe à sociedade e ao mundo a obrigação de centrarmos a nossa vivência com uma limitação objectiva que nos coarctou de vivermos segundo métricas que assumíamos como inalteráveis.

Estes dois anos de pandemia, para além das perdas significativas, tais como as mortes; as debilidades que provêm da infecção contraída; e os problemas sociais, económicos e financeiros que surgiram, como o desemprego, a falta de convivência social e, acima de tudo, a esperança.

E quando se fala em esperança, o que releva é o medo, o cansaço, o desespero e a incapacidade de se perceber quando é que isto acabará.

A pandemia ensinou-nos muito mais do



.....  
**VALTER AMORIM**  
PRESIDENTE DO  
CONSELHO JURIS-  
DICIAL DA SEC-  
ÇÃO REGIONAL  
DO CENTRO DA  
ORDEM DOS  
ENFERMEIROS  
.....

que uma simples doença, uma vacina, ela trouxe à realidade aquilo que mais importa ao cidadão, o sentido da vida. Assim sendo, é imperativo que a todos, sem excepção, desde os governantes, aos cidadãos individualmente, lhes sejam exigidas mudanças nos comportamentos, nas decisões, nos modos e estilos de vida.

Aqui chegados, muitos se questionam-se se valerá a pena continuar a acreditar no que nos tem sido dito e isto deve-se a uma comunicação e decisões erráticas.

Hoje em dia, está no cerne da discussão pública a vacinação para as crianças, sendo que, em muitos outros países se determina a imposição da vacinação. Relativamente à primeira, a ciência ainda não amadureceu suficientemente uma consciência e razão que consubstancie a mais-valia da vacinação a este grupo alvo. A isto acresce não se conhecerem os ganhos efectivos que se pretendem alcançar e quais os ganhos concretos para todo.

Aparentemente em Portugal, a ciência não reconhece estes benefícios e, por conse-

guinte, os peritos consideraram não estarem reunidas as condições para que a mesma seja aplicada. Ora, o que é estranho é que perante esta tomada de posição, reforça-se, pelos peritos, o decisor político não acompanhar nesse sentido a sua decisão. Esta comunicação pouco regrada e nada compreensível porque, ora servem-se destes especialistas para assumir políticas que só são legitimadas por tais pareceres e, em outros momentos, inverte-se, em absoluto, a postura perante determinadas propostas.

Este jogo de ziguezague que, umas vezes serve, ora noutras não colhe, é demonstrativo da forma como, em Portugal, o decisor político age. Submete-se quando lhe importa, afasta-se quando outros interesses se levantam. Interesses esses que deviam ser expostos e esclarecidos para que todos compreendam estas intervenções.

Publicamente, a Ordem dos Enfermeiros já se opôs à vacinação das crianças. Essa recomendação foi feita de forma coerente e responsável porque, tal como os muitos especialistas da matéria, temos mais dúvidas do que certezas e, portanto, não poderia ser outro o sentido da nossa orientação.

Faltando menos de dois meses para as eleições, importa apelar aos partidos políti-

cos e seus interlocutores que percebam que a sociedade carece de pessoas que sirvam as conveniências do todo, fazendo política para benefício de todos, que sejam claros nas suas decisões e na comunicação, acabando-se de vez com estas sinuosidades e posturas pouco idóneas.

Cumulativamente, deve o cidadão questionar-se e fazer uma análise crítica daquilo que tem sido o passado recente da actividade política e o que pretende para o futuro, sendo mais exigente e proactivo.◀



**A pandemia ensinou-nos muito mais do que uma simples doença, uma vacina, ela trouxe à realidade aquilo que mais importa ao cidadão, o sentido da vida**